

O Processo Formativo de Animadores Socioculturais na ESE de Lisboa e a Transição para o Mercado de Trabalho

Joana Campos
jcampos@eselx.ipl.pt
ESELx-IPL / CIES-IUL

Célia Martins
celiamartins@eselx.ipl.pt
ESELx-IPL / IGOT-UL

Alfredo Dias
adias@eselx.ipl.pt
ESELx-IPL / IGOT-UL

Laurence Vohlgemuth
laurence@eselx.ipl.pt
ESELx-IPL

Resumo

O reconhecimento dos animadores socioculturais em Portugal nas últimas décadas assentou, em grande medida, no incremento do associativismo profissional e na diversificação da formação. À diversidade da oferta formativa somou-se a fixação do código deontológico do grupo e do estatuto, a par da disseminação das publicações e da realização de congressos, entre outros momentos de formação e afirmação do grupo profissional. No quadro deste processo de profissionalização inscreve-se a licenciatura da ESELx-IPL. Com o presente texto pretende-se contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a licenciatura nesse processo, em particular no que diz respeito ao processo formativo e transição para o mercado de trabalho dos diplomados. Metodologicamente, a informação considerada foi recolhida desde 2009/2010, centrando-se o presente texto na caracterização dos alunos e diplomados da ESELx, no que diz respeito aos percursos formativos e inserção profissional. Analiticamente, consideraram-se diferentes dimensões. A primeira prende-se com as áreas de interesse dos alunos manifestadas no percurso formativo. A segunda dimensão centra-se no processo de inserção profissional. Por fim, a terceira dimensão refere-se à continuidade de formação. Os resultados demonstraram a importância da iniciação profissional em contexto em instituições diversificadas. Os procedimentos de análise permitiram também identificar as principais modalidades de transição para o mercado de trabalho. Tais resultados reforçam a importância das instituições formadoras contribuírem para a afirmação dos grupos profissionais, em diversos planos.

Palavras chave: Animação Sociocultural, Formação no Ensino Superior, Iniciação Profissional

1. Afirmação e reconhecimento profissional dos Animadores Socioculturais em Portugal

Na literatura sobre as profissões, produzida pelas diversas correntes teóricas, são comumente considerados como elementos fundamentais da definição dos grupos profissionais: a definição de um *corpus* de conhecimento profissional exclusivo e resultante de processos de formação (superior e/ou especializada); a constituição de associações profissionais que agreguem e

mobilizem os profissionais; a definição de regras éticas e deontológicas reguladoras da prática profissional, fundadas no (próprio) grupo profissional (Dubar, 1997; Rodrigues, 1997). A presente análise, em torno do processo de profissionalização dos animadores socioculturais em Portugal, enquadra-se nas propostas mais recentes sistematizadas e discutidas por Rodrigues (1997, 2012) e Gonçalves (2007/08). Tomando como pano de fundo as problemáticas que se colocam às profissões na sociedade do conhecimento (Rodrigues, Oliveira & Carvalho, 2007), considera-se que o reconhecimento do grupo profissional dos animadores socioculturais em Portugal, nas últimas décadas, assentou, em grande medida, no alargamento e diversificação da formação (Lopes, 2006; Silva, 2013) e no incremento do associativismo profissional (Campos, 2011; Baptista, 2012; Vohlgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013).

A formação em animação sociocultural em Portugal tem sido marcada, nos últimos anos, por uma diversificação de vias e níveis de certificação (Lopes, 2006; Silva, 2013). Este incremento tem resultado no crescimento do grupo profissional, com a inserção profissional dos animadores em áreas e domínios institucionais e laborais, que se vão diversificando e que colocam, do ponto de vista formativo, novos desafios (Lopes, 2008). O primeiro curso de nível superior iniciou-se em meados da década de 80, do século XX, na Cooperativa Árvore, no Porto (Lopes, 2006). Posteriormente, proliferaram os cursos no ensino superior, tanto nos subsectores universitário e politécnico, como nos sectores público e privado (Costa, 2010). De igual relevância é a diversidade de modelos de formação que, em grande medida, correspondem às diferentes ofertas formativas (Lopes, 2006; Simões, 2012)¹. Nos outros níveis de ensino também se foi alargando a formação em animação sociocultural, atualmente presente em diversas vias de formação no ensino secundário (Lopes, 2006; Silva, 2007, 2013; Baptista, 2012). Esta proliferação resultou numa diversificação da formação em animação sociocultural, com enfoques diferenciados, que podem ser parcialmente lidos na terminologia que acompanha a designação dos cursos e das propostas formativas (Simões, 2012). Tal diversidade tem vindo a traduzir-se também numa diversificação da certificação para o exercício profissional da animação, com uma razoável pulverização de diplomas, quanto ao nível e quanto à designação (Lopes, 2006). Costa (2010)

¹ O processo de Bolonha também marcou a formação dos animadores, com a discussão em torno dos perfis profissionais e profissionalidade do grupo profissional (Silva, 2007).

refere-se a uma *formação institucionalizada*, identificando uma “desenfreada multiplicação de formações em animação sociocultural” (Costa, 2010, p. 15).

No que se refere à profissionalização deste grupo, o associativismo profissional tem, neste caso particular, contribuído de forma significativa para a coesão e reforço interno do grupo, quer à escala nacional, quer internacional. Esse reforço joga-se também num plano externo, uma vez que as dinâmicas associativas² desenvolvidas têm contribuído para uma crescente visibilidade social, sobretudo pela promoção de encontros e fóruns de discussão, que têm reunido animadores socioculturais, académicos e outros profissionais, quer ao nível nacional, quer internacional. Foi precisamente num dos congressos da APDASC que, em assembleia, se aprovaram os documentos mais recentes, orientadores e reguladores da ação profissional dos animadores socioculturais em Portugal. A tentativa de fundar no grupo profissional a regulação ética e deontológica da prática profissional do grupo, assim como as condições de acesso ao mesmo, expressam bem as intencionalidades dos representantes do grupo profissional em análise (Campos, 2011; Vohlgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013).

As publicações em torno da ASC e sua disseminação no mercado editorial e académico em Portugal resultam, em grande parte, da realização de congressos e de outros momentos de formação e afirmação do grupo profissional, dinamizados pelas associações profissionais. O conhecimento do grupo profissional dos animadores promove-se nesses fóruns pela possibilidade de ser discutido, sistematizado, validado e fixado sob forma de publicações (Campos, 2011). Cumulativamente, a presença das editoras que assumem a publicação na área da ASC e temáticas afins resulta, em parte, dos textos das conferências e comunicações apresentados nesses mesmos encontros, quer por académicos, quer por animadores e representantes de equipas que desenvolvem o seu trabalho em ASC nas diversas instituições. Deste modo, garante-se um reconhecimento deste grupo face a outros grupos profissionais, assim como junto das instituições de formação e as de enquadramento profissional dos profissionais de Animação Socioprofissional. Os animadores socioculturais podem ser assim considerados co-produtores do

² A título ilustrativo referem-se sucintamente algumas das associações, em diferentes escalas. A nível internacional a RIA – Rede Internacional de Animação Sociocultural, e a RIA – Rede Ibérica de Animação Sociocultural, a que se associam algumas das nacionais, como a APDASC – Associação Portuguesa de Desenvolvimento da Animação Sociocultural, e outras à escala regional, como a AIASC Associação Insular de Animação Sociocultural. A nível nacional outras associações distinguem-se, também, pela participação no desenvolvimento e afirmação da ASC e dos animadores socioculturais, como a Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural e a Animar – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Local.

seu próprio grupo profissional, na medida em que, individual e coletivamente, promovem o seu desenvolvimento profissional, estruturando-se e estruturando a triangulação entre as diversas esferas formativa/académica, associativa e profissional.

Ainda no que diz respeito ao caso particular da ASC em Portugal, considerando a etapa de desenvolvimento em que se encontra na atualidade, ganha relevância a referência às mais recentes alterações das Classificações Nacionais e Internacionais das Profissões (Campos, 2011), por constituírem mais um elemento do breve enquadramento que procurámos traçar. Na Classificação Portuguesa das Profissões (CPP2010)³, a distribuição dos grupos de profissões reposicionou os animadores socioculturais, com uma alteração de sentido ascendente⁴. Tal mudança pode enquadrar-se no que genericamente se pode considerar como resultado do reforço das qualificações, associado à complexidade das funções exercidas e, também, ao tipo de competências profissionais necessárias exigidas e reconhecidas ao grupo profissional em referência (Campos, 2011) e aos novos desafios que se colocam ao grupo profissional (Lopes, 2008).

2. Processo formativo e transição para o mercado de trabalho da licenciatura em Animação Sociocultural da ESELx

O texto que se apresenta pretende aprofundar o conhecimento e a discussão sobre o contributo das instituições formadoras para os processos de profissionalização dos animadores, em particular no que se refere à iniciação profissional. Para o exercício que se apresenta toma-se o exemplo da ESELx-IPL, mais concretamente da licenciatura em Animação Sociocultural e o processo de profissionalização dos animadores em Portugal. A análise que se apresenta não pretende discutir as condições laborais e de empregabilidade dos animadores socioculturais, embora se reconheça a fragilidade e precaridade de algumas dessas condições (Garrelhas, 2010). A presente análise inscreve-se nas linhas de discussão que se centram na discussão dos processos

³ A revisão da Classificação Nacional das Profissões de 1994 (CNP/94) resultou da alteração da classificação internacional. A Organização Internacional do Trabalho (OIT) recomendou, aos países membros, a revisão das classificações nacionais apoiadas na versão de 1988 (CITO/1998), estabelecida pela International Standard Classification of Occupations (ISCO), e que adoptassem a definição proposta pela Classificação Internacional Tipo de Profissões de 2008 (CITP/2008).

⁴ Na classificação anterior, de 1994, os animadores socioculturais posicionavam-se no grande grupo 5 – *Trabalhadores dos serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores* – passaram, na atual classificação, para o grande grupo 3 – *Técnicos e profissões de nível intermédio*.

de transição para a vida ativa e inserção no mercado de trabalho, à luz dos processos e das dinâmicas identitárias profissionais e sociais dos diplomados (Alves, 1998).

No quadro do processo de profissionalização dos animadores socioculturais em Portugal traçado anteriormente, inscreve-se a licenciatura da ESELx-IPL, por um lado, participando ativamente no processo formativo dos animadores socioculturais e, por outro lado, contribuindo para o desenvolvimento da animação sociocultural nos territórios e junto das instituições parceiras do curso. A formação profissional é assim perspectivada em estreita articulação com a realidade social e profissional dos futuros diplomados, procurando contribuir para o processo de profissionalização do grupo, tendo em conta as principais dimensões do desenvolvimento profissional, tal como consideradas nos estudos sobre as profissões (Serra, 2008; Campos, Dias, Hortas, Martins, Rocha & Simões, 2010; Dias, Campos, Saraiva & Lima, 2011; Vohlgemuth, Campos, Dias & Martins, 2013).

A licenciatura em Animação Sociocultural iniciou-se em 2006/07, saindo para o mercado de trabalho os primeiros diplomados em 2008/09. O plano de estudos inicial foi elaborado ao abrigo do Processo de Bolonha, tendo vindo a sofrer algumas alterações pontuais nos últimos anos⁵, sendo o mais recente de 2010. Atualmente, no final da trajetória de formação prevista, o diploma da licenciatura pode certificar uma formação como animador sociocultural generalista – ramo da Animação Sociocultural, ou em animação sociocultural com aprofundamento num de dois domínios: Mediação Intercultural ou Intervenção em Populações Seniores⁶. No plano dos processos de avaliação das instituições do Ensino Superior, o curso tem sido avaliado interna e externamente, em ciclos regulares. No âmbito desses processos, a equipa de coordenação e de docentes do curso têm procurado evidenciar o seu contributo para o reconhecimento do grupo profissional, em dois planos: o da produção e divulgação científica, académica e profissional em torno da ASC e, ainda, o do desenvolvimento da ASC nos territórios e junto das instituições parceiras.

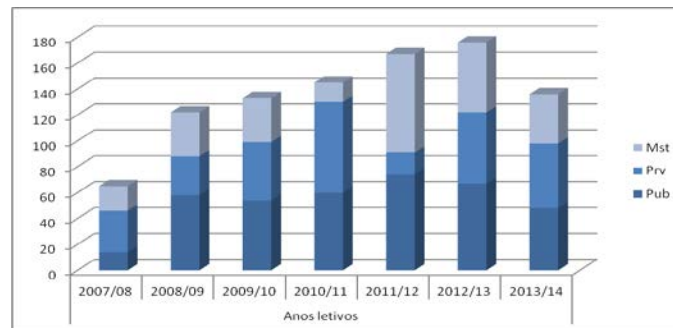
⁵ Licenciatura definida pela Portaria nº 1236/2007 de 21 de Outubro, e posteriormente alterada por Despacho nº 2294/2009 de 16 de Outubro, e mais recentemente pelo Despacho nº 6474/2010.

⁶ Os dois tipos de diplomação, generalista ou de aprofundamento, são obtidos em função dos percursos formativos dos formandos, segundo uma matriz de opções.

Assim, analiticamente, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre a licenciatura, em particular no que diz respeito aos percursos formativos e à iniciação profissional dos diplomados do curso e sua transição para o mercado de trabalho. Metodologicamente, a informação considerada foi recolhida no âmbito dos procedimentos sistemáticos desenvolvidos pela equipa de coordenação da licenciatura, desde 2009/2010. Consideraram-se os processos formativos e de inserção profissional de alunos e diplomados para a totalidade dos anos letivos entre 2006/07 e 2013/14. Tecnicamente, os procedimentos desenvolvidos para a recolha foram os seguintes: a base de dados relativa aos contextos e instituições de iniciação profissional (estágio), no que se refere ao processo formativo dos alunos; e um inquérito por questionário (aplicado por email e por telefone) aos diplomados do curso, um ano após a conclusão da licenciatura, relativamente à inserção profissional dos diplomados.

Para a análise consideraram-se diferentes dimensões. A primeira prende-se com as áreas de interesse dos alunos manifestadas no percurso formativo, nomeadamente nos estágios de iniciação à prática profissional. Atendendo às motivações para as escolhas dos estágios de iniciação à prática profissional, por parte dos alunos, estas podem sintetizar-se em: i) ter experiências em contextos/áreas de intervenção/instituições e públicos com os quais gostariam de trabalhar; ii) ter experiências em contextos/áreas de intervenção/instituições e públicos com os quais já trabalharam em etapas anteriores de formação e pretendem aprofundar; iii) antecipar possibilidade de inserção profissional (instituições que recrutam, instituições em que não há formalmente animador, instituições com reconhecimento público alargado para que tenham no estágio recomendação posterior para futuras candidaturas); iv) e, explorar áreas emergentes de intervenção/criação de emprego e/ou afirmação de novas áreas de intervenção. Decorrente da diversidade das motivações associadas às escolhas feitas pelos alunos no decorrer no seu percurso formativo, no que diz respeito aos contextos e instituições de iniciação profissional constata-se que: a) as instituições parceiras de formação da ESELx são diversificadas, atendendo à sua natureza jurídica, (figura 1); b) os domínios educativo e social são os mais representativos dos contextos em questão, verificando-se ainda assim um crescimento gradual do domínio cultural (figura 2); c) a infância (crianças e jovens) salienta-se como o público com o qual a maioria dos estagiários desenvolve a sua experiência de iniciação profissional (figura 3).

Figura 1 – Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por natureza jurídica (2007-14)

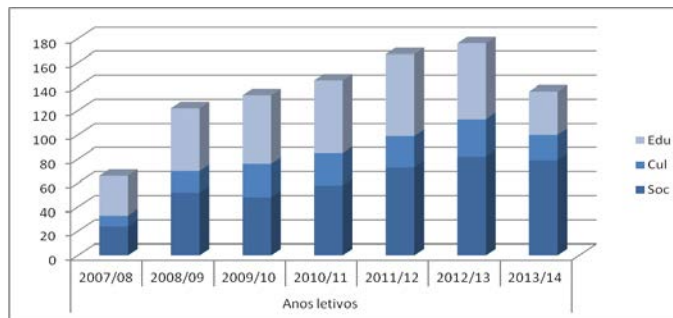


Legenda: Pub – Público; Prv- Privado; Mst-Misto.

Nota: Ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

Figura 2 – Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por domínio da ASC (2007-14)

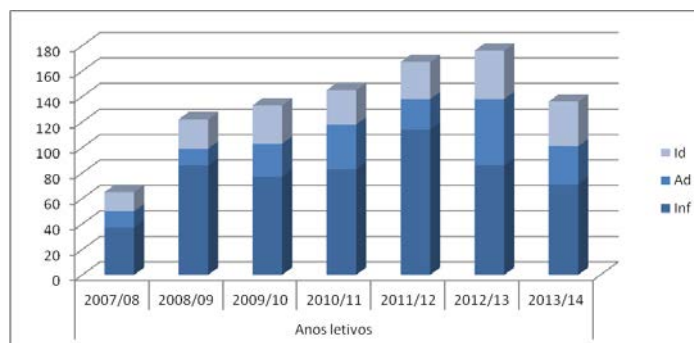


Legenda: Soc – Social; Cul- Cultural; Edu-Educativo.

Nota: ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

Figura 3 - Distribuição dos contextos de iniciação profissional, por tipo de públicos (2007-14)



Legenda: Inf – Infância (inclui crianças e jovens); Adul-Adultos (inclui todos); Id-Idosos.

Nota: ano letivo 2006/07 – dados não disponíveis. No ano 2009/10, os dados de PIIP IA são definidos por aproximação de perfil ao PIIP IIA de 2010/11.

Fonte: Base de dados dos contextos de estágio (Equipa PIIP e CCASC-ESELx).

Uma segunda dimensão de análise centra-se no processo de inserção profissional, concretamente em torno da empregabilidade. O grupo de diplomados inquiridos é constituído maioritariamente por elementos do sexo feminino e situa-se na faixa etária dos 20-30 anos (quadros 1 e 2). Pelas suas características, consideramos este grupo como representativo do conjunto dos licenciados nos anos letivos considerados.

Quadro 1 – Distribuição dos diplomados segundo o sexo (2007-14)

Sexo	Número	%
Feminino	113	86,9
Masculino	17	13,1
Total Geral	130	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Quadro 2 – Distribuição dos diplomados segundo a faixa etária (2007-14)

Faixa etária	Número	%
[20 - 30[	98	75,4
[30 - 40[	16	12,3
[40 - 50[	11	8,5
[50 - 60]	5	3,8
Total	130	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

A percentagem de licenciados que se encontra empregada é 79% (quadro 3). A análise dos contextos de inserção profissional revela-nos que, no que respeita ao tipo de instituição empregadora, predominam as instituições de cariz privado logo seguidas das de carácter público (quadro 4).

Quadro 3 – Condição face ao trabalho dos diplomados (2007-14)

Condição face ao trabalho	Número	%
Não exerce atividade profissional	27	20,8
Exerce atividade profissional	103	79,2
Total Geral	130	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Quadro 4 – Sector da instituição/entidade empregadora dos diplomados (2007-14)

Sector da instituição/entidade	Número	%
Público	43	40,2
Privado	49	45,8
Misto	14	13,1
NS/NR	1	0,9
Total	107	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Os 79% diplomados empregados, dos quais 76% se encontram a exercer uma profissão em domínios da ASC, concretizaram a sua entrada no mercado de trabalho através de quatro modalidades principais: autoproposta/envio espontâneo de Curriculum Vitae (21%); em continuidade do estágio do último ano do curso (19%); em resposta a anúncios (jornais, *sites* de emprego, redes sociais) (18%); e redes de contactos (18%) (quadro 5).

Quadro 5 – Modalidades de obtenção do 1º emprego (2007-14)

Modalidades	Número	%
Em continuidade do estágio do curso	15	19,2
Auto-proposta/envio espontâneo de CV e outras	16	20,5
Concurso e/ou candidaturas	5	6,4
Resposta a anúncios (jornais, <i>sites</i> de emprego, redes sociais)	14	17,9
Centro de Emprego	4	5,1
Associação profissional	5	6,4
Rede de contactos	14	17,9
Voluntariado	1	1,3
Outros	4	5,1
Total	78	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Para o grupo de diplomados a exercer uma profissão em domínios de ASC, o intervalo de tempo entre a conclusão da licenciatura e a obtenção do primeiro emprego foi de curta ou média duração, sendo que mais de metade do grupo conseguiu o seu primeiro emprego no espaço de tempo de seis meses. De destacar também a expressão dos diplomados que durante a sua formação já se encontravam a exercer atividade profissional (quadro 6).

Quadro 6 – Intervalo de tempo entre a conclusão da licenciatura e o 1º emprego (2007-14)

Intervalo de tempo	Número	%
0 meses (já trabalhava na instituição)	23	28,4
0 meses (já trabalhava no ramo)	1	1,2
0 meses	11	13,6
1 mês	4	4,9
2 meses	11	13,6
3 meses	8	9,9
4 meses	2	2,5
5 meses	4	4,9
6 meses	6	7,4
8 meses	2	2,5
9 meses	2	2,5
10 meses	1	1,2
12 meses	6	7,4
Total	81	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Os domínios da ASC em que os animadores recém-licenciados se integram situam-se fundamentalmente nas componentes educativa e social (quadro 7). Os públicos com os quais estes profissionais trabalham são maioritariamente crianças, jovens e idosos (quadro 8). As funções desempenhadas por estes jovens profissionais no domínio da ASC ou áreas afins situam-se, principalmente, no âmbito da gestão e da implementação de projetos, e em atividades das várias áreas de expressão associadas ao trabalho com crianças e jovens.

Quadro 7 – Domínios da ASC das atividades profissionais dos diplomados (2007-14)

Domínios	Número	%
Cultural	3	3,8
Educativo	28	35,9
Social	20	25,6
Educativo/cultural	4	5,1
Social/cultural	2	2,6
Social/educativo	18	23,1
Social/educativo/cultural	2	2,6
NS/NR	1	1,3
Total	78	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Quadro 8 – Públicos com quem trabalham os diplomados (2007-14)

Públicos	Número	%
Crianças	34	43,6
Jovens	3	3,8
Adultos	3	3,8
Idosos	11	14,1
Crianças e Jovens	9	11,5
Crianças, jovens e adultos	2	2,6
Crianças e idosos	2	2,6
Jovens e adultos	3	3,8
Jovens e idosos	1	1,3
População em risco (crianças, jovens e adultos)	4	5,1
População portadora de deficiência/doença	2	2,6
Todos	4	5,1
Total	78	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Por fim, a terceira dimensão refere-se à continuidade de formação na área da ASC ou em áreas afins. Do total de diplomados inquiridos, 40% deu continuidade à formação pós-licenciatura, dos quais quase metade frequenta/ou um mestrado (45%) e dos restantes destacam-se os que frequentam/aram formações diversas (18%) e pós-graduações (15%) (quadros 9 e 10). As motivações associadas à tomada de decisão sobre a continuidade de formação na área da ASC ou em áreas afins decorrem essencialmente da i) vontade/necessidade de aprofundamento de conhecimento em áreas específicas; ii) da decisão sobre alargamento de áreas de diplomação/certificação com vista a inserção profissional futura; iii) e, do adiamento da inserção/resposta à condição de precaridade.

Quadro 9 – Continuidade de estudos por parte dos diplomados, no âmbito da ASC ou áreas afins (2007-14)

Continuidade de estudos no âmbito da ASC ou áreas afins	Número	%
Não	88	67,7
Sim	40	30,8
NS/NR	1	0,8
NA	1	0,8
Total Geral	130	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Quadro 10 – Tipologia de estudos realizados pelos diplomados, no âmbito da ASC ou áreas afins (2007-14)

Curso	Número	%
Licenciatura	1	2,5
Mestrado	18	45,0
Pós-Graduação	6	15,0
Formação	7	17,5
Workshop	3	7,5
CAP	5	12,5
Total	40	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

Dos diplomados que não deram continuidade à sua formação pós-licenciatura, existe um grupo considerável que o equaciona fazer (55%) (quadro 11), sendo os domínios de formação pretendidos muito diversificados, embora centrados essencialmente nos grandes domínios da educação (educação social, educação especial, educação pela arte, educação comunitária,...), psicologia, ciências sociais/relações internacionais, empreendedorismo, gestão cultural, geriatria/gerontologia, desporto.

Quadro 11 – Pretensão de realizar futuramente formação em ASC ou áreas afins (2007-14)

Pretensão de no futuro próximo realizar formação em ASC ou áreas afins	Número	%
Sim	72	55,4
Não	17	13,1
NS/NR	1	0,8
NA	40	30,8
Total Geral	130	100,0

Fonte: Inquérito por Questionário aos Diplomados do Curso ASC (CCASC/ESELx)

3. Conclusão

A análise e discussão destes resultados permitem concluir sobre a importância da adequação da oferta formativa aos interesses dos estudantes e da iniciação à prática em contexto profissional. Processualmente distingue-se a mais-valia de uma formação realizada em contexto profissional apoiada numa rede de parceiros diversificada, assim como a participação dos alunos tanto na manutenção como no alargamento da bolsa de oferta de estágios. A organização da iniciação profissional apoiada numa rede de parceiros diversificada tem vindo a revelar-se promotora de

um melhor enquadramento do curso no âmbito da animação sociocultural, seja pelo contributo para o desenvolvimento da ASC nos contextos de iniciação profissional dos estudantes, seja pelo posterior ingresso dos diplomados no mercado de trabalho.

Sendo este um eixo fundamental que caracteriza o curso de licenciatura em ASC da ESELx-IPL, é de particular relevância identificar alguns indicadores que estes resultados nos sugerem no sentido de melhor compreender a influência do processo formativo na posterior inserção profissional dos diplomados: (i) os contextos privilegiados pelos estudantes (social e educativo) nos estágios que realizaram ao longo do curso são os que acolhem mais diplomados no seu primeiro emprego; (ii) o primeiro emprego na continuidade de um estágio realizado durante a formação atinge quase 20%; (iii) a percentagem elevada dos diplomados a desenvolver uma atividade profissional um ano após a conclusão da licenciatura; (iv) o curto prazo de seis meses que 50% dos diplomados necessitou para encontrar o primeiro emprego no âmbito da ASC, percentagem que ascende a 80% se excluirmos os estudantes que já se encontravam empregados quando terminaram o curso.

Ainda no âmbito da organização e gestão curricular do curso conclui-se pela relevância de que se podem revestir os procedimentos de monitorização e avaliação sistemática do ciclo de estudos, em particular no que aos percursos profissionais e formativos dos diplomados diz respeito. A produção sistemática e regular de informação sobre o curso contribui para um conhecimento mais aprofundado e alargado sobre o mesmo, mas também sobre o domínio e grupo profissional em referência. Tais resultados ilustram a possibilidade e importância das instituições formadoras contribuírem para a afirmação das áreas e dos profissionais em diferentes planos. Por outro lado, os procedimentos de recolha e análise permitem também identificar as fragilidades da formação, assim como as condições de inserção profissional e desenvolvimento profissional dos diplomados do curso, em concreto, e no que à presente licenciatura diz respeito, constitui-se como ilustração a precaridade das situações laborais dos diplomados. No caso particular da licenciatura em ASC da ESELx-IPL, o reconhecimento da importância das instituições de formação no processo de profissionalização dos profissionais em ASC assume-se como um compromisso. Por isso, no quadro da reorganização curricular da licenciatura em curso define-se como objetivo deste ciclo de estudos o contributo para o desenvolvimento da ASC, assim como do processo de profissionalização dos animadores. Parte substantiva desse objetivo cumpre-se

pelo trabalho desenvolvido nos contextos de intervenção e junto dos diversos públicos com que a ASC e os animadores atuam, no âmbito das parcerias para a iniciação profissional e desenvolvimento de outros processos formativos e investigativos com as instituições parceiras, como por exemplo. Por outro lado, a ESELx-IPL como instituição formadora promove e acolhe eventos de divulgação científica e profissional da ASC e dos animadores, como por exemplo, os Encontros Temáticos de ASC, organizados pela coordenação do curso desde 2010, e o acolhimento do XV congresso da APDASC, em novembro de 2012.

Bibliografia

- Alves, Mariana Gaio (1998), “Inserção na vida activa de licenciados: a construção de identidades sociais e profissionais”, *Sociologia – problemas e práticas*, nº 26, pp 131-147.
- Baptista, Ricardo (2012), “Animação e animadores socioculturais: imprecisões, ambiguidades, incertezas, tensões e controvérsia de uma ocupação profissional”, *Atas VII Congresso Português de Sociologia, Sociedade, crise e reconfigurações*, disponível em www.aps.pt
- Campos, Joana (2011), “Profissionalização da ASC: (novos) elementos contribuintes para o reconhecimento e definição da profissão ao nível nacional e internacional”, Pereira, José Dantas & Lopes, Marcelino Sousa (cords.) *As Fronteiras da Animação Sociocultural*, Chaves, Intervenção, pp 313-327.
- Campos, Joana, Dias, Alfredo, Hortas, Maria João, Martins, Célia & Carvalho, Filipa (2012), “Entre a formação e a profissão: projecto de formação em Animação Sociocultural na ESELx”, Gonçalves, Carolina & Tomás, Catarina (orgs.) *Actas do V Encontro do CIED, Escola e Comunidade*, CIED, pp 147-162, http://www.eselx.ipl.pt/cied/download/Atas_V_Encontro_Cied.pdf.
- Campos, Joana, Dias, Alfredo, Hortas, Maria João, Martins, Célia & Simões, Ana (2010), “Da iniciação profissional à inserção profissional: projecto de formação na ESE de Lisboa”, Costa, Carlos (coord.), *Profissão e Profissionalização dos Animadores*, Porto: Legis Editora, pp 57-72.
- Costa, Carlos (2010), “Desafios à profissão e profissionalização dos animadores socioculturais”, Costa, Carlos (coord.), *Animação sociocultural. Profissão e profissionalização dos animadores*, Porto, Legis Editora, pp 11-17.
- Dubar, Claude (1997), *A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais*, Porto, Porto Editora.
- Garrelhas, Catarina (2010), “A intervenção e empregabilidade dos animadores” Costa, C. (coord.) *Animação sociocultural. Profissão e profissionalização dos animadores*, Porto, Legis Editora, pp 19-35.
- Gonçalves, Carlos Manuel (2007/08), “Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento”, *Sociologia*, vol XVII/XVIII, 2007/08, pp 177-223
- Lopes, Marcelino Sousa (2006), *Animação sociocultural em Portugal*, Chaves, Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Lopes, Marcelino Sousa (2008), *A animação sociocultural: os velhos e os novos desafios*, Pereira, José Dantas, Vieites, Manuel Francisco & Lopes, Marcelino Sousa (cords), *A animação sociocultural e os desafios do século XXI*, Amarante: Intervenção-Associação para a promoção e divulgação cultural, pp 147-158.
- Rodrigues, M^a Lurdes (1997), *Sociologia das profissões*, Oeiras: Celta.
- Rodrigues, M^a Lurdes (2012), *Profissões. Lições e Ensaio*, Coimbra: Almedina

Rodrigues, M^a Lurdes, Oliveira, Luísa, Carvalho, Helena (2007), “Profissionais qualificados e sociedade do conhecimento”, Costa, António Firmino, Machado, Fernando Luís, Ávila, Patrícia (orgs) Sociedade e conhecimento, Portugal no contexto europeu, vol II, Oeiras: Celta Editora, pp 103-121.

Serra, Fernando (2008), “A formação graduada em animação sociocultural e a construção da profissão de animador sociocultural. O exemplo da escola superior de educação de Lisboa”, Pereira, José Dantas, Vieites, Manuel Francisco & Lopes, Marcelino Sousa (cords), A animação sociocultural e os desafios do século XXI, Chaves: Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural, pp. 303-307.

Silva, Ana da (2007), “Bolonha: uma oportunidade de reflexão sobre a animação sociocultural e de revisão da formação em animação no ensino superior em Portugal”, Práticas de Animação, ano 1, disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>

Silva, Ana da (2009), “Um reencontro com os estatutos profissionais de animação em Portugal”, Práticas de Animação, ano 3, nº 2, disponível em <http://revistapraticasdeanimacao.googlepages.com>

Silva, Ana da (2013), “La formation des animateurs et animatrices au Portugal”, Animation, territoires et pratiques socioculturelles, nº 4, pp. 13-22, disponível em http://www.atps.uqam.ca/numero/ATPS_4_2013_en.php#num4_2

Simões, Ana Simões (2012), “A Formação em Animação Sociocultural em Portugal e o seu contributo para a intervenção com a população sénior: uma análise”, Costa, Costa (coord.) Animação Sociocultural: Envelhecimento Ativo e Solidariedade entre Gerações, Alcochete, Alfarroba, pp 51-73.

Vohlgemuth, Laurence, Campos, Joana, Dias, Alfredo, Martins, Célia (2013), “Formation des animateurs socioculturels: discours idéologiques et pratiques”, Richelle, Jean-Luc, Rubi, Stephanie, Ziegelmeyer, Jean-Marc (eds) L’Animation Socioculturelle, quels rapports au politique?, Bordeaux, Carriers Sociales Editons, pp 131-144.